

## OFÍCIO DE COSTUREIRA EM CONTEXTO DOMÉSTICO: TRABALHO MÚLTIPLO E SIMULTÂNEO

Mislene Rosa

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG)  
misleneag@gmail.com*

Daisy Cunha

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG)  
daisycunhaufmg@gmail.com*

*Simpósio Temático nº V – SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO*

### RESUMO

Discute-se, neste artigo, a relação entre exploração e opressão na perspectiva do capitalismo patriarcal. Através dos conceitos da divisão sexual do trabalho, evidencia-se a realização de um trabalho múltiplo e simultâneo, realizado pelas mulheres em contexto doméstico. Tanto o trabalho produtivo – ofício de costureira – quanto o trabalho reprodutivo – doméstico – são realizados no mesmo ambiente. Ressalta-se ainda que, de modo geral, se fale em ofício de costureira como trabalho produtivo, a situação de trabalho possui peculiaridade quando a mulher exerce o trabalho dentro de casa, elas permanecem em suas residências com uma jornada de longa duração, atravessando o dia e entrando pela noite, com ritmo constante e incessante de trabalho e de forma circular entre trabalho doméstico gratuito para o mercado de trabalho produtivo. O referencial teórico que embasou o artigo é sintetizado pelo conceito de consubstancialidade, para compreender as relações sociais por meio do cruzamento das categorias de exploração e opressão que lhes configuram, a saber: a classe, a raça e o gênero. A argumentação trazida para este artigo, tem o intuito de construir um debate sobre o desafio que o trabalho realizado em contexto doméstico traz aos estudos científicos sobre o mundo do trabalho. Os construtos teóricos sobre a divisão sexual do trabalho nos diversos campos do saber têm contribuído para evidenciar que o trabalho doméstico ainda precisa ser absorvido e considerado responsabilidade de todos e de todas que compõem o grupo familiar. O trabalho produtivo e reprodutivo realizado dentro de casa impulsiona à reflexão teórica sobre sua particularidade.

**Palavras-chave:** Trabalho produtivo. Trabalho reprodutivo. Ofício de costureira.

### ABSTRAT

This article discusses the relationship between exploitation and oppression from the perspective of patriarchal capitalism. Through the concepts of the sexual division of work, the realization of multiple and simultaneous work, carried out by women in the

domestic context, is evidenced. Both productive work – seamstresses – and reproductive work – domestic – are carried out in the same environment. It is also noteworthy that, in general, the trade of seamstress is referred to as productive work, the work situation has peculiarities when women work at home, they remain in their homes with a long journey, crossing the day and into the night, with constant and incessant work rhythm and in a circular way between free housework for the productive labor market. The theoretical framework that supported the article is synthesized by the concept of consubstantiality, to understand social relations through the crossing of the categories of exploitation and oppression that configure them, namely: class, race and gender. The discussion brought to this article is intended to build a debate on the challenge that work carried out in a domestic context brings to scientific studies on the world of work. Theoretical constructs on the sexual division of work in the various fields of knowledge have contributed to highlighting that domestic work still needs to be absorbed and considered the responsibility of everyone and everyone who makes up the family group. The productive and reproductive work carried out at home encourages theoretical reflection on its particularity.

**Keywords:** Productive work. Reproductive work. Seamstress craft.

## INTRODUÇÃO

O artigo problematiza a relação entre o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo, saberes e competências que se constroem nas situações do dia a dia no ambiente doméstico, quando ambos acontecem no mesmo espaço físico.

O referencial teórico que embasou o capítulo é sintetizado pelo conceito de consubstancialidade, teorização proposta pela Relações Sociais de Sexo, para compreender as relações sociais por meio do cruzamento das categorias de exploração e opressão que lhes configuram, a saber: a classe, a raça e o gênero.

Na divisão sexual do trabalho, o papel da mulher está definido para contribuição à reprodução social sem remuneração, as mulheres dividem seu tempo entre suas atividades no mundo de trabalho capitalista - trabalho produtivo - e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família - trabalho reprodutivo.

## METODOLOGIA

A investigação aqui proposta terá uma abordagem qualitativa, contextualizada no plano histórico, sob a forma da trama de relações contraditórias e conflitantes. A pesquisa foi realizada na perspectiva de relações sociais de sexo, a produção nesse campo é densa, propícia e apresenta uma variedade de conceitos que irão contribuir para a problemática proposta.

Sobre a escolha dos sujeitos de pesquisa, o grande desafio não foi encontrar costureiras dispostas a falar sobre sua atividade, mas, sim, que estivessem à vontade diante da observação de sua atividade de trabalho. Além disso existia o desconforto delas e de outros familiares em receber em casa uma pessoa desconhecida, por mais boa disposição que as costureiras tinham, em suas falas, era possível perceber que participar da pesquisa iria interferir de forma negativa no seu dia a dia.

Mais de uma vez ficou evidente que as costureiras que trabalham em casa estão acostumadas a lidar com momentos da vida doméstica, no esforço de conciliar os papéis sociais atribuídos – mãe e esposa – elas resolvem problemas que os/as filhos/as não solucionam sozinhos/as, ou ainda lidam com conflitos com o cônjuge, organizando as atividades de maneira que tudo funcione em conjunto com o trabalho produtivo.

Entender essa dinâmica foi essencial para vencer o embaraço inicial na abordagem as costureiras, e assim adaptar o método de coleta de dados para que todas ficassem à vontade e pudessem colaborar da melhor maneira possível. Após essa etapa, a observação e entrevistas ocorreram com tranquilidade. Neste contexto optou-se por escolher duas costureiras para realizar o estudo de caso, investigando detalhadamente sua atividade de trabalho

Após o consentimento de Jade e Ágata (nomes fictícios) iniciou-se o processo de observação da atividade no respectivo local de trabalho. Elas demonstraram bastante receptividade o que contribuiu para os resultados do estudo.

Jade: 51 Anos; casada; um filho. Se interessou por costura ainda criança quando via a mãe costurando em casa. Começou a costurar profissionalmente quando precisou de uma fonte de renda para sustentar a família enquanto marido estava desempregado. Depois que começou a trabalhar nunca mais parou, ela relata que herdou a profissão da mãe, mas de fato gostou de ser costureira. Durante toda sua trajetória alternou entre diferentes posições na costura, trabalhou produzindo peças completas sob encomenda, realizando reformas de peças já prontas e como costureira faccionista. Motivada para manter o cuidado com o filho, priorizou trabalhar em casa.

Ágata: 63 anos; divorciada; dois filhos. Ela relata que sempre gostou de costurar, mas nunca teve uma oportunidade de terminar um curso de qualificação. Iniciou alguns cursos de modelagem, corte e costura, mas sempre acabava abandonando para cuidar dos filhos pequenos. Aprendeu a costurar com a mãe e a tia, trabalhava em casa fazendo consertos e customizações em roupas já prontas. Hoje, já com os filhos crescidos, montou

em casa um ateliê onde produz peças sob encomenda e para compor a renda também faz alguns trabalhos como costureira faccionista.

Enquanto pesquisadora, exceto nos momentos de explicação inicial sobre a pesquisa e arguição das perguntas, mantive-me na maior parte do tempo calada, não interrompendo de forma a não influenciar as respostas. O objetivo era deixá-las falar livremente, expondo o máximo possível o seu ponto de vista, justificativas e razões.

Logo após cada entrevista anotei no diário de campo minhas primeiras percepções e interpretações, buscando estabelecer possíveis relações com as questões da pesquisa. Através da fala de Jade e Ágata foi possível colher muitas informações para desenhar o perfil das costureiras, quem são, como se enxergam, entre outras especificidades de seus entendimentos sobre ser costureira.

## **SITUAÇÃO DE TRABALHO**

Quanto ao contexto socioeconômico das costureiras muitos relatos foram ouvidos, e embora as costureiras tivessem histórias de vida singulares, algumas características uniam suas falas. Por mais particular que fosse cada trajetória, ainda assim as histórias das costureiras traziam pontos semelhantes, por exemplo: tiveram contato com o ofício na infância; aprenderam a costurar com outras mulheres, em geral avó, mãe ou tia; a costura fazia parte do dia a dia da família; citaram habilidades manuais como facilitadora para o interesse em costurar; outra marca forte foi a questão da opção pelo ofício, elas iniciaram na profissão principalmente motivadas pela necessidade em ter uma fonte de renda, talvez inseridas na costura por falta de opção.

Apresenta-se nessa parte uma caracterização do contexto socioeconômico das costureiras, sujeitos da pesquisa (Jade e Ágata), expondo as questões que elas revelaram vivenciar. São mulheres provenientes de camadas de mais baixa renda, com pouca escolaridade e com poucas oportunidades de emprego.

De acordo Sorj; Jorge e Abreu (1994, p.165), o trabalho doméstico remunerado é a ocupação responsável pela inserção de parcela expressiva de mulheres no mercado de trabalho, devido à pouca escolaridade muitas mulheres estão ligadas às atividades que geram baixa remuneração, aumentando a lacuna entre rendimentos e escolaridade atuando perversamente seja como desestímulo à escolarização feminina, seja como

desestímulo à incorporação pelas mulheres de uma identidade ocupacional para além de sua identidade doméstica.

Importante destacar que as constatações das autoras são referentes aos dados da década de 1990, analisados no artigo intitulado: “desigualdade de gênero e raça: O informal no Brasil em 1990”. O contexto dos dados do artigo reflete a realidade narrada por Jade e Ágata, elas trabalharam no serviço doméstico remunerado ainda jovens, se inseriam no mercado de trabalho próximo da década de 1990.

Em um estudo mais recente Bila Sorj (2014) constata que o trabalho doméstico remunerado vem passando por mudanças importantes nas últimas décadas, sugere mudanças na identidade das trabalhadoras nota-se também um envelhecimento da categoria, ou seja, a ocupação está deixando de ser a principal porta de entrada no mercado de trabalho para mulheres jovens e pobres. No entanto, embora observe-se acentuada entrada de mulheres em outras atividades, “o emprego doméstico continua a ser a maior ocupação de mulheres no Brasil: 17% das mulheres ocupadas são trabalhadoras domésticas.” (SORJ, 2014, p.125).

As mulheres precisam conciliar o trabalho remunerado com os afazeres domésticos e o cuidado com a família, sendo assim elas permanecem ligadas a atividade que geram baixa remuneração e sem proteção da legislação trabalhista ou previdenciária, caso das entrevistadas. Antes de se tornarem costureira elas tiveram como única oportunidade de gerar renda, o trabalho como empregada doméstica.

Trabalhei na casa da minha cunhada como empregada doméstica, na época ela me chamou até para me ajudar, porque meu marido estava desempregado. Ela já tinha uma confecção, ela disse assim: você me ajuda com o serviço de casa e quando tiver uma folga no serviço de casa você me ajuda na confecção. Você tirar uma linha, arremata uma peça e vai me auxiliando em algumas coisas. (JADE)

Jade relata que trabalhar como empregada doméstica foi sua primeira oportunidade para compor a renda da família, no entanto “agarrou” a chance de aprimorar-se no ofício de costureira para melhorar a condição de vida da família.

Quando terminava o serviço de casa (limpar; lavar e passar) eu ia para a confecção ajudar minha cunhada. Ela viu meu interesse e foi me instruindo. Cada dia eu ficava em uma máquina e ela me ensinando, no overloque, na reta e na galoneira. A minha cunhada tinha dificuldade em enfiar a linha na agulha, eu já tinha essa facilidade, ela ia me ensinando os detalhes de onde ir passando a linha e no final dava certo. É um conjunto de tudo, você tem que aprender a enfiar a linha no local certo para a costura ficar adequada. Porque se colocar errado a linha a

costura sai errada também, tem que saber manusear um pouquinho de tudo. (JADE)

O primeiro emprego de Ágata também foi como empregada doméstica:

Comecei a trabalhar quando eu tinha 10 anos, eu fui trabalhar com uma vizinha ajudando ela em casa e cuidando dos filhos dela. Saía da escola e já ia direto para a casa dela, eu ficava lá até a noite. Um mês depois ela perguntou se eu queria aprender a costurar. Ela me ensinou a arrematar, a costurar na máquina de costura reta e no overloque. Eu saí de lá com 18 anos e um logo depois me empreguei em uma confecção, mas aí já era costureira. (ÁGATA)

Jade e Ágata conseguiram através da costura encontrar um modo de administrar a casa e família e ao mesmo tempo garantir uma fonte de renda. Sorj (1993) estudando as costureiras a domicilio, consta que esta é uma atividade essencialmente feminina e invisível. Esta caracterização do contexto social dos sujeitos da pesquisa, ainda que específica, sintetiza bem a dinâmica social de outras costureiras e permite apreender um pouco sobre diferentes caminhos que levam as mulheres a trabalhar como costureiras.

As mulheres enfrentam grandes dificuldades para conciliar o trabalho remunerado com o trabalho doméstico não pago, com isso o ofício de costureira, reúne um conjunto de características indicativas de sua desvalorização social, baixa remuneração; longas jornadas de trabalho; ausência de proteção da legislação, são alguns exemplos.

Sorj (2004), no artigo Trabalho remunerado e não-remunerado, enfatiza que a articulação entre a esfera da produção econômica – trabalho remunerado – e a esfera da reprodução – cuidados com a família – não podem ser compreendidos de maneira isolada. A autora aponta como tanto as obrigações domésticas quanto as más oportunidades de trabalho impõem limites às mulheres, ressalta que, quanto menor seu preparo e sua qualificação, mais difícil é para elas negociarem as tarefas domésticas, levantando a questão de uma participação diferenciada de mulheres no mercado de trabalho.

Conforme Hirata (2018) a divisão sexual do trabalho doméstico é central para compreender as condições de trabalho profissional das mulheres,

[...] quanto à divisão sexual do trabalho doméstico: se indicamos desigualdades gritantes no que diz respeito ao trabalho profissional, pior ainda parecem ser as desigualdades no âmbito do trabalho doméstico: o que é atribuído a um e a outro sexo é um fator imediato de desigualdade e de discriminação. A atribuição do trabalho doméstico às mulheres permaneceu intacto em todas as regiões do mundo, com diferenças de grau na sua realização, dos modelos tradicionais aos modelos de delegação. (HIRATA, 2018, p.18)

De uma maneira geral à questão da conciliação entre trabalho e vida familiar é tema central vida das mulheres, no entanto elas vivenciam situações sociais e culturais diferentes, por isso no caso das costureiras a questão é ainda mais evidente. Elas são mulheres de famílias mais pobres, estão em desvantagem em relação a inserção no mercado de trabalho, quando comparadas ao grupo de mulheres de renda superior, as costureiras não têm a possibilidade transferir o trabalho doméstico.

## **OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO**

Buscando compreender a complexa relação de poder entre homens e mulheres e a resultante opressão feminina recordar-se o entendimento de capitalismo patriarcal, defendido no texto “Gênero, patriarcado, trabalho e classe”, entendendo por “patriarcado uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente o poder é dos homens. Ele é assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de “opressão das mulheres” (HIRATA, 2018, p.16).

O conceito capitalismo patriarcal permite avançar na compressão da complexidade das relações sociais de sexo, possibilitando desnaturalizar uma série de construções sobre o papel social de homens e mulheres. Propõe-se discutir a problemática opressão feminina, mostrando que há um grupo social que é sobrecarregado por um certo tipo de trabalho invisível, designado pela divisão social e sexual do trabalho, tal constatação está presente nos relatos das costureiras.

Ao ser questionada sobre como organiza o trabalho de costura e o trabalho doméstico, Jade explica que este é um ponto bastante polêmico em casa, ela sozinha desempenha os dois trabalhos, o marido não divide os afazeres domésticos, por isso ela precisa realizar as tarefas domésticas no período que seria de seu descanso.

O problema é organizar o trabalho, porque as vezes tem muita roupa para costurar e prazo curto. Eu faço assim: o dia que tenho muita costura, eu estou focada na costura, nem em casa eu mexo muito, deixo tudo a “deus dará” mesmo. Quando chega o final de semana eu trabalho até o meio dia na costura e depois vou para o serviço de casa, vou lavar, passar, fazer faxina. O serviço de casa de uma semana inteira eu tenho que fazer todo no sábado de tarde. (JADE)

As relações sociais de sexo ocorrem em vários espaços de interação social, como na moradia com a família e no local de trabalho. No caso das costureiras a esfera privada – contexto doméstico – e a esfera pública – ofício de costureira – acontece no mesmo

espaço físico, desta forma apresenta-se um conjunto de novas experiências vivenciadas pelas mulheres.

A inserção da mulher mundo do trabalho produtivo é tema investigado em diversas pesquisas, Claudia Mazzei Nogueira (2006), propõe o termo “trabalho duplicado” frente a divisão sexual do trabalho, a responsabilidade da realização das tarefas domésticas pelas mulheres que exercem um trabalho remunerado no mundo da produção, caracterizando assim uma dupla jornada de trabalho.

[...] o combate à opressão contra a mulher se torna mais acentuado, onde era preciso mais do que nunca lutar pela sua emancipação econômica e social, pelo seu direito ao trabalho, com todas as especificidades que isso implica, como por exemplo, salários iguais para trabalhos iguais, além da reivindicação de uma divisão mais justa no trabalho doméstico, na esfera reprodutiva, libertando, ao menos parcialmente, a mulher da dupla jornada. (NOGUEIRA, 2010, p.59)

Observou-se durante a pesquisa que o trabalho das costureiras está sobreposto ao papel que a mulher desempenha como dona de casa, como esposa e como mãe. Não existe uma separação entre o tempo dedicado ao trabalho remunerado de costura e o tempo das tarefas domésticas no espaço doméstico. Neste caso, o conceito de “trabalho duplicado” parece insuficiente para apreender a dinâmica real de trabalho. Como as costureiras permanecem no mesmo espaço, não ocorre uma interrupção da jornada de trabalho na costura, pelo contrário, ela é contínua nesse espaço, onde diferentes tarefas são realizadas, elas realizam um trabalho múltiplo e simultâneo.

Para discutir o impacto deste trabalho múltiplo e simultâneo, o conceito de “sujeito sexuado do trabalho”, proposto por Kergoat, torna-se primordial, tal diferenciação do sujeito no trabalho permite apreender o lugar das mulheres na produção e na reprodução social. Ávila e Ferreira (2020) discutem no artigo “Reflexões acerca da constituição sexuada do sujeito em Danièle Kergoat”, a condição heterogênea e sexuada da classe e a centralidade do trabalho nas relações sociais de sexo, reafirmadas no conjunto das pesquisa empírica e elaboração teórica de Danièle Kergoat.

Kergoat ao desvelar os processos de exploração e dominação das mulheres no mundo do trabalho, desvendando os seus mecanismos de reprodução e, ao mesmo tempo, os movimentos cotidianos de tensão nas práticas cotidianas de trabalho, constrói uma análise crítica que possibilita a compreensão dessa realidade, aportando, assim, uma base analítica importante para a ação dos sujeitos do trabalho na reflexão sobre o vivido individualmente e o problema coletivo, que só através da reflexão e da ação coletiva pode avançar, no sentido de criar o movimento da sua própria emancipação. É exatamente nesse sentido



que a relação entre indivíduo e coletivo é foco central da sua análise crítica. (ÁVILA; FERREIRA, 2020, p.44)

Hirata (2018) corrobora os argumentos ao destacar que o que constrói a possibilidade de tomada de consciência de gênero não é o reconhecimento de uma identidade como mulheres, mas, antes, o desvendamento no processo de reflexão coletiva sobre a naturalização dessa condição e a consequente reivindicação da qualificação profissional que é, a um só tempo, a negação da vocação e do dom.

Embora a opressão feminina esteja fortemente ancorada na sociedade patriarcal, essa opressão, é claro, não atinge de maneira igual a todas as mulheres, embora, com base em pesquisas empíricas amplas e diversificadas, Hirata (2018) conclua que a opressão das mulheres ainda persiste:

Podemos concluir essa apresentação sumária das desigualdades entre mulheres e homens no trabalho, nos referindo à constatação feita sistematicamente hoje a partir das pesquisas empíricas em ciências sociais: a posição das mulheres e dos homens na hierarquia social, em termos de repartição do trabalho doméstico, de hierarquia profissional ou de representação política não é a mesma nas sociedades contemporâneas. O paradoxo dessa desigualdade persiste, a despeito do fato de que as mulheres têm níveis de educação superiores aos dos homens em quase todos os níveis de escolaridade e em praticamente todos os países industrializados. (HIRATA, 2018, p.18)

Portanto torna-se necessário dar visibilidade às relações que se constroem na esfera privada, afim de aproximar-se da compreensão do trabalho real das mulheres, especialmente do contingente feminino que trabalha em casa. As relações de classe são sexuadas e as relações sociais de sexo são atravessadas por pontos de vista de classe – relações de sexo e relações de classe organizam a totalidade das práticas sociais (KERGOAT, 2018).

As costureiras entrevistadas acumulam múltiplas desvantagens sociais – de classe, de gênero e de raça<sup>1</sup>– o impacto de tais desvantagens sociais na vida das mulheres trabalhadoras, não só na vida produtiva, mas, principalmente, na relação entre trabalho produtivo e reprodutivo, reúne no ofício de costureira um conjunto de características indicativas de sua desvalorização social: longas jornadas de trabalho, baixa remuneração e ausência de proteções trabalhista e previdenciárias.

Dois termos – interseccionalidade e consubstancialidade – buscam explicar o entrelaçamento das variáveis sociais para assinalar a persistência das desigualdades, tanto

---

<sup>1</sup> A categoria raça não foi discutida neste artigo. Os sujeitos de pesquisa foram classificados como negros **apenas** com base fenótipo racial.

entre sexos, quanto entre raças e entre classes, embora distinto, ambos partem da premissa segundo o qual as relações sociais de sexo, de raça e de classe são interdependentes e indissociáveis.

De acordo com Hirata (2018) pode-se situar a origem do conceito de interseccionalidade nas elaborações teóricas do blackfeminism (feminismo negro), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco e de classe média. Por sua vez, a concepção de consubstancialidade, proposta por Danièle Kergoat, foi elaborada em termos de a articulação entre sexo e classe social, para ser desenvolvida, mais tarde, em termos de imbricação entre classe, sexo e raça. A autora ressalta que embora os conceitos tenham implicações teóricas diferentes o principal ponto de convergência é a não hierarquização das relações sociais, uma não tem prioridade sobre outra:

Embora ambas partam da intersecção, ou da consubstancialidade: a intersecção no ponto de partida da sua conceptualização é aquela entre sexo e raça, enquanto a de Kergoat é aquela entre sexo e classe o que fatalmente terá implicações teóricas e políticas significativamente diferentes. Um ponto maior de convergência entre ambas é a proposta de não hierarquização dos tipos de opressão. (HIRATA, 2018, p.20)

Para além da não hierarquização das relações sociais (gênero; classe; e raça) os conceitos, consubstancialidade e interseccionalidade, apresentam implicações teóricas e políticas significativamente distintas. Danièle Kergoat elucida melhor a diferença na conferências “Pensar o intrincamento dos sistemas de dominação: gênero, classe e raça” proferida em 2006 no 11º Congresso da Associação Francesa de Sociologia – versão ampliada e organizada no artigo “Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais” de 2010.

A autora, apresenta uma crítica a concepção de interseccionalidade, ao afirmar que a ideia de intersecção dificulta pensar as relações sociais de maneira móvel e historicamente determinada, coloca as relações em posições fixas o que leva a naturalizar as categorias analíticas.

Dito de outra forma, a multiplicidade de categorias mascara as relações sociais. Ora, não podemos dissociar as categorias das relações sociais dentro das quais foram construídas. Assim, trabalhar com categorias, mesmo que reformuladas em termos de intersecções, implica correr o risco de tornar invisíveis alguns pontos que podem tanto revelar os aspectos mais fortes da dominação como sugerir estratégias de resistência. A noção de multiposicionalidade apresenta, portanto, um problema, pois não há propriamente “posições” ou, mais especificamente, estas não são fixas; por estarem inseridas em relações

dinâmicas, estão em perpétua evolução e renegociação. (KERGOAT, 2010, p.98)

Neste ponto considera-se a conceitualização consubstancialidade, mais abrangente para perfazer o desafio imposto à análise empírica, na pesquisa foi possível perceber que as categorias analíticas estão sobrepostas, as costureiras são mulheres (gênero), negras (raça) e pobres (classe).

Segundo Kergoat (2010) relacionar essas três categorias de análise que compõem as relações sociais, não significa fazer uma volta em todas as relações sociais, uma a uma, mas analisar as intersecções e interpenetrações que formam esse nó no seio de uma individualidade ou de um grupo. O conceito de consubstancialidade compreende que o campo social é atravessado por tensões entre grupos de interesses diferentes, envolvendo relações de poder, dominação, opressão e exploração.

As costureiras foram classificadas como negras apenas com base fenótipo racial, que apresenta o biótipo clássico do negro: cabelos encaracolados e pele escura, ciente que discutir a categoria raça está muito além de tais atributo, conforme acentua Santo; Alarcón; Rocha (2020) é preciso apreender muito mais do que o tom da pele e os caracteres aparentes, é preciso fazer mediações sócio históricas que caracterizam a singularidade dos indivíduos, contextos e particularidades das “relações sociais que demonstram as determinações que cercam as vidas das pessoas não brancas, sobretudo com maior intensidade daquelas identificadas em seu fenótipo como pretas e pardas” (p.219).

Portanto, para este artigo fez a opção por analisar apenas as categorias gênero e classe. Importante ressaltar que essas relações – gênero e classe – “são relações de produção, nelas, entrecruzam-se exploração, dominação e opressão” (KERGOAT, 2010, p.86)

Quando eu tenho muito serviço, estou muito apertada, eu chamo alguma costureira para me ajudar, geralmente chamo a minha irmã. É uma chance para ela não ficar parada e ganhar um dinheiro. É assim, uma ajudando a outra. (JADE)

A marca dessa forma da inserção de outras mulheres no trabalho produtivo (no caso de Jade, a irmã) denota ainda mais precarização das condições de trabalho.

Na pesquisa empírica foi possível perceber que as costureiras trabalham muitas horas por dia, trabalham também aos sábados, domingos e feriados. Jade e Ágata relataram que quando tem muita demanda, trabalham enquanto aguentarem, nesse contexto, as costureiras trabalham sem jornada de trabalho definida e muitas vezes

incorporam a família no trabalho produtivo, principalmente outras mulheres da família (filhas; irmãs; mãe).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois tipos de trabalho mencionados que se desenrola em contexto doméstico, compõem o que se designou como trabalho múltiplo e simultâneo, o trabalho reprodutivo não remunerado que é considerado dever natural de toda e qualquer mulher e o trabalho produtivo, gerador de valor econômico. A naturalização do trabalho doméstico como uma habilidade intrínseca feminina tem refletido na dinâmica do dia a dia de mulheres no espaço público e privado.

Mesmo que de modo geral se fale em ofício de costureira como trabalho produtivo, a situação de trabalho possui peculiaridade quando a mulher exerce o trabalho “dentro de casa”, elas permanecem em suas residências com uma jornada de longa duração, atravessando o dia e entrando pela noite, com ritmo constante e incessante de trabalho e de forma circular entre trabalho doméstico gratuito para o mercado de trabalho produtivo.

A discussão trazida para este artigo, tem o intuito de construir um debate sobre o desafio que o trabalho realizado em contexto doméstico traz aos estudos científicos sobre o mundo do trabalho. Os construtos teóricos sobre a divisão sexual do trabalho nos diversos campos do saber têm contribuído para evidenciar que o trabalho doméstico ainda precisa ser absorvido e considerado responsabilidade de todos e de todas que compõem o grupo familiar. O trabalho produtivo e reprodutivo realizado “dentro de casa” impulsiona à reflexão teórica sobre sua particularidade.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. Reflexões acerca da constituição sexuada do sujeito em Danièle Kergoat. **Revista de Ciências Sociais**, n. 53, p. 40-56, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista Trabalho Necessário**. v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 86, p. 93-103, 2010.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. **Expressão Popular**, 2006.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Revista Aurora**, v. 3, n. 2, 2010.

SANTOS, Thais Felipe Silva; ALARCÓN, Maria Beatriz; ROCHA, Edna Fernandes. Avaliação de fenótipo: a participação do assistente social. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 46, 2020.

SORJ, Bila; ABREU, Alice Rangel; Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas do Rio de Janeiro. In: ABREU, A. R. P., SORJ, B. (orgs.). O trabalho invisível. Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

SORJ, Bila; JORGE, Angela Filgueiras; ABREU, Alice Rangel. Desigualdade de Gênero e Raça O informal no Brasil em 1990. **Estudos feministas**, p. 153-178, 1994.

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e não-remunerado. In: A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SORJ, Bila. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo Social**, v. 26, p. 123-128, 2014.